

Maria Ortiz surge de invasão de mangue



Palafitas e barracos em Maria Ortiz, no início da década de 70

DESTAQUES

■ **MOVIMENTO** – Diante das dificuldades que passavam quando chegaram a Maria Ortiz, devido à falta de iluminação, transporte coletivo e calçamento, os primeiros moradores formaram um movimento comunitário.

O pedreiro Geraldo Manoel da Costa, 63 anos, foi um dos principais integrantes. “O grupo se uniu e passou a fazer reuniões em 1975, mas três anos depois é que foi fundado oficialmente. A gente fazia de tudo, até gravar as reuniões com os políticos para ter provas depois”, lembrou.

Ele mora no bairro desde março de 1969. “Batalhei seis meses com a madeira guardada. Esperei os fiscais irem embora e construí o barraco durante a madrugada”, recordou.

A mãe dele, a aposentada Maria Benedita Costa, 86 anos, também participou. “Er-guemos o palafitas com água na altura dos joelhos”, contou.

FOTOS: KADIDJA FERNANDES/AT



■ **CASAL** – O casal José Carlos Verly, 49 anos, e Jussara Gomes Atanázio, 44 anos, conhecidos como Ze-zão e Sarah, é popular em Maria Ortiz, Vitória, devido à participação no período da fundação do bairro.

Ainda solteiro, em 1977, ele era o motorista dos moradores. “Eu tinha um Fusca, o único carro daqui. Teve noite de levar três mulheres para a maternidade. Tudo era eu”, contou, orgulhoso.

Quase uma década depois, Sarah

inaugurou o primeiro comércio. “As pessoas me perguntavam o que eu ia fazer aqui, pois não tinha nada, mas investi e deu certo. Vendia de linha de costura a utilidades de cozinha. Até hoje é movimentado”, frisou.

Agora, com três filhas nascidas e criadas no local, eles ressaltam o amor mútuo e a paixão pelo bairro. “Não pensamos em sair daqui jamais. É um lugar bom e que vimos crescer”, ressaltou Jussara.

Após construir os barracos, moradores lutaram para conseguir infra-estrutura

atRIBUNA



Resistência, garra e esforço são as palavras que resumem o passado de luta dos moradores que fundaram o bairro Maria Ortiz, em Vitória, na década de 60. Quando não havia sequer água potável para beber, eles invadiram o manguezal, construíram barracos, e brigaram para conquistar a atual infra-estrutura.

Quem participou de todo o processo recorda as histórias com emoção. É o caso do pedreiro autônomo Geraldo Manoel da Costa, 63 anos, que mora em Maria Ortiz desde março de 1969.

A época em que ele chegou foi o período em que muitas famílias descobriram a possibilidade de ter um lar. Segundo o pedreiro, a maioria era gente pobre, proveniente de morros de Vitória e cidades do interior. “Eu mesmo morava no morro São Benedito e vim para cá”, contou.

Durante muito tempo, os primeiros moradores fizeram protestos, buscaram audiências com governantes e chamaram a atenção da imprensa para cobrar melhorias para o novo bairro que surgia.

“Inclusive, **A Tribuna** foi o jornal que mais acompanhou a luta de nosso povo. A maioria dos registros que temos sobre Maria Ortiz foi publicada no jornal”, observou a presidente da Associação dos Moradores e fundadora do bairro, Lindinalva Gomes da Silva.

Após muita luta, já em 1970, começaram a ser instaladas redes de distribuição de água potável e sistema de energia elétrica. O calçamento das ruas foi feito a partir de 1985.

Até que isso acontecesse, a maioria dos moradores de Maria Ortiz matou a sede com água fornecida pelos vizinhos do conjunto habitacional Antônio Honório, fundado em 1971.

“Enquanto isso, a prefeitura colocava entulhos para aterrar. Também distribuía autorizações para as famílias construírem, mas metade dos barracos não tinham permissão”, recordou Geraldo.

Uma estratégia para impedir que os palafitas fossem demolidas era pintar as casas ao mesmo tempo em que eram construídas, segundo o pedreiro Geraldo.

HISTÓRIA

Maria Ortiz foi uma jovem que dizem que jogou água fervendo sobre os invasores holandeses numa escadaria no centro de Vitória, em 1625. Na época, ela tinha 22 anos. Pelo que fez, foi homenageada e seu

nome foi dado à Escadaria Maria Ortiz, em 1924.

O bairro Maria Ortiz recebeu o nome da guerreira porque os moradores se sentiram incentivados pela força e garra dela.